

# A SAUDADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ

Vol. II.

Domingo 27 de Julho de 856

N. 25

**Acabando com este numero o segundo semestre suspendemos a Saudade a todos os Srs. assignantes, que não estiverem inscriptos nas listas distribuidas; por isso os que quizerem continuar, terão a bondade de participar por escripto a esta Typographia.**

## LITTERATURA.

### Paginas intimas.

XXIII

AOS MEUS IRMÃOS NO TRABALHO.

Eis ahi um livro intimo que vai fechar-se.

A ultima pagina é vossa, offereço-a do coração — aceitai-a como partida delle. E' pouco para o muito que devia dar-vos, mas o muito com um caracter *official* nada diria, e eu prefiro o pouco que pôde exprimir um sentimento. O livro não me pertence — é de todos; fazer delle uma excepção seria egoismo, por isso em cada pagina achareis um desejo.

A melancolia inspirou algumas, as saudades da Patria muitas, o despeito o resto dellas.

Para mim que tenho apenas vinte e dous annos, essa melancolia, symbolisada nas expressões, importa um desmentido a esse despeito, e para os outros... o que não direi.

As saudades, como disse, inspiraram-me algumas dessas paginas, e talvez que esta tenha um tanto desse defeito.

As saudades podem produzir esses cantos intimos e apaixonados que revelam uma ventura gosada na Patria, ao lado das nossas mais charas affeições. E' quasi sempre uma volta ao passado, e esse passado é a nossa infancia — a idade das flôres. Mas no meio dessas expressões arrancadas

pelo sentimento, quantas revelarão uma idéa egoista? ! Por mim o confesso, tenho tido momentos na vida que dariam causa a uma multidão de sentidos cantos, existem outros que matam aquelles, porque são mais repetidos, e é devido talvez a isso que o maldito egoismo preside aos poucos que hei soltado. Ai! as flôres da minha vida murcharam tão cedo, que é impossivel plantar outras de novo! Sorrisos e lagrimas, aquelles compensados com outros, estas enchugadas por mim, eis o que poderei dar de um passado de que tenho saudades, porque sou joven.

Se, pois, ha no meu livro de seis mezes algumas paginas authorisadas pelo despeito, são tão poucas e simples, que devem esquecer-se.

Comprehendemos a vida pelo lado material, porque não temos ás vezes um sopro benéfico que destrua os sentimentos egoistas que alimentamos no coração.

A intelligencia que damos ás causas produzem efeitos oppostos, mas o arrependimento formando outras e outros, dá origem a novos combates.

Aceitai estes pensamentos como vos aprouver. São naturaes — são intimos, e o pouco valor que tiverem deve compensar a ingenuidade dellas.

A *Saudade* vai terminar um anno de existencia; é um seculo para nós que não queremos conhecer o alcance della, e os beneficios que pôde produzir.

Representante d'uma classe olhada com ironia, a *Saudade* tem apresentado ao publico um desmentido solemne de que as intelligencias são exclusivas das classes distinctas da sociedade. Ella ahi está, corram pagina por pagina, leiam nome por nome, e ver-se-ha que nenhuma dessas paginas, nenhum desses nomes sabio das ultimas. O véo da obscuridade que envolve a ambas as cousas, isto é as paginas e os nomes, não é tão impenetravel que não se aixe distinguir no fundo a ver-

dade de uma idéa, abraçada por muitos. Essa gloria pertence-nos, o futuro virá para a exaltar, e tenho convicção de que essa classe conquistará e rugar a que tem direito.

Trabalheemos em commum, tomemos primeiro o vôo do pequeno passarinho para alcançarmos o da aguia; contentemo-nos por em quanto com a capa da obscuridade mas empregueemos esforços para a repellir dos hombros quando sentirmos que ella é leve de mais para as nossas forças. Hei de empenhar-me por uma causa que reputo justa e santa, os *Aristrarchos* modernos que olhem para o passado, e que nos desculpem pelos desejos.

Se nestas poucas linhas traçadas *ao correr da penna* encontrardes uma verdade, abraçai-a, e acompanhai-me.

Esmorecer quando a victoria se declara por nós, é loucura!

Rio, 27 de Julho de 1856.

ANTONIO XAVIER RODRIGUES PINTO.

### Mathilde.

POR A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

(Continuação.)

### CORAGEM.

— Sr. Lourenço, disse Domingos olhando fictamente para aquelle, ao mesmo tempo que parecia affagar o cano da pistola, tem tão má reputação nestes lugares, ha do Sr. um tal horror, que me parece ser temeridade fazel-o parar em seu caminho.... Inda não acabei. A minha primeira idéa foi esta, porém reflectindo melhor achei que era muito natural pedir-lhe que conversassemos, como bons amigos, e eis-nos em frente um do outro. Aprecio no mais alto gráo a complascencia com que cedeu ao meu pedido, por isso para que não nos impacientemos reciprocamente, vou ao positivo: A filha do doutor Rego desapareceu de casa; ignora-se como e por quem foi raptada; pesam algumas suspeitas sobre o Sr. Carlos; ora a calumnia é uma arma mortifera dirigida por mão de mestre, receio pois que meu senhor moço seja victima della, é por isso que lhe peço (e Domingos insistio nesta palavra) me diga a quem se deve imputar esse rapto.

Lourenço fez um gesto de desdem, e respondeu com calma:

— E' só isso que tens a perguntar me?

— E é pouco?

— Pois então podes continuar teu caminho, eu não hei tempo bastante para me occupar dos negocios alheios.

O preto fez um gesto de enfado tão particular nelles, e continuando a affagar a pistola re-darguiu:

— E' muito pouco para o que esperava do Sr.... veja o que é uma idéa! Desde hontem sou perseguido por ella; uma voz occulta me diz que o raptor chama-se Lourenço de Castro:

— Responderia a essa insinuação se tratasse com teu senhor ou outro qualquer homem nas minhas circumstancias, mas a um negro, é descer muito.

— Concordo, Sr. branco, nem eu pretendo negar que ha em mim pouco respeito para as pessoas da sua qualidade, mas que quer, mettu-se-me em cabeça descobrir o raptor da meuiua Luiza, e hei de conseguil-o.

— Ninguem te estorva, já respondi, por isso cada um para seu lado.

— Espere, não me satisfazem as suas explicações....

— Insolente! bradou Lourenço, queres que te faça saltar os miolos?!

— A' primeira palavra d'ameaça que o Sr. pronuncie, respondeu o preto engatilhando a arma, sou eu que tomarei esse expediente. Vamos, onde occulta a menina Luiza? diga, e depressa.

Lourenço comprehendeu que Domingos fallava serio.

Fanfarrão como todos os caracteres malvados, julgava atemorizar o preto, mas á vista do resultado da sua ameaça entendeu que o mais prudente era fingir que cedia, e aproveitar-se do momento para destruir o poderoso obstaculo que se lhe antepunha em seu caminho.

Domingos advinhou o projecto do malvado; o estremecimento nervoso dos labios de Lourenço, a sua pallidez, o seu olhar, tudo revelou ao preto que cumpria acautelal-se.

— Vamos, tornou elle apontando a terrivel arma, espero que me explique onde poderei encontrar a filha do doutor Rego.

— Atira com a pistola para o lado, respondeu Lourenço.

E para socegar aquelle deixou cahir a sua a alguns passos.

Domingos contemplou o seu inimigo por alguns minutos, sorriu-se com desdem, e disse:

— Ensinaaram-me a desconfiar do homem que,

como o Sr. é generoso em excesso ; assim permit-  
ta-me que conserve a pistola commigo ; é uma  
arma que trouxe do Brasil, e a qual se ligam al-  
gumas scenas da minha vida de escravo, receio  
perdel-a por tão pouco.

— Não importa, estou convencido que não  
has de assassinar-me. Queres então saber quem  
foi o raptor de Luiza ?

— Sim, e onde devo procural-a.

— O raptor da filha do doutor Rego é um ce-  
lebre poeta a quem appellidam *Cóxo*. E' elle que  
poderá informar-te do lugar em que a escondeu.

— Um, um.... rumorejou o preto.

— Estás satisfeito ?

— Não, senhor ; o diabo desta idéa tornou-me  
incredulo....

(*Continúa.*)

## POESIAS.

### A' minha Mãi.

Oh ! possam estes carmes, repassados  
D' angustia e de saudade, orvalhecidos  
Pelas lagrimas tristes do desterro,  
Seguindo o rumo, por meu peito afflicto,  
Delineado, chegar a seu destino !....

#### I

Ai que saudades, minha mãi querida,  
N'um solo estranho, longe emfim de vós,  
Sem rumo ou norte neste cahos da vida  
Suporto a custo n'um delirio atroz !  
Quantos suspiros rebentados d'alma,  
Do triste peito, quantos ais partidos,  
Quão longos dias de fugida calma  
Soltando carmes pela dor curtidos !...  
Ha quanto tempo, minha mãi, ha quanto,  
De vós distante suspirando vivo ;  
Qual, entre os ferros inundado em pranto  
Exhausto em forças, o infeliz captivo !

E são lembranças de saudade em mente  
Que accesas tenho, conservado á flux  
Por vós e a patria, onde tão fulgente  
A vez primeira vi do mundo a luz !

Saudades tenho desse tempo ameno  
De minha infancia tão fragrante e para ;  
Em que em meus labios um sorrir sereno  
Inda pairava de feliz ternura ;  
Em que risonha me embalava apenas,  
A doce esp'raça d'um futuro ledo,  
De duas manas inda bem pequenas  
Ao lado entregue a juvenil folgado.

Tenho saudades desses mil afagos  
Que a vosso lado, minha mãi, fruia,  
Por que eram gratos os mimosos tragos  
D'amena vida qu'eu então bebia !...  
Mas essa quadra, como tão depressa  
Quanto ligeira para mim passou !  
E na carreira, de tristeza oppressa  
Como minh'alma tão cruel deixou !...

Na idade ainda de mimosas flores  
Em que cercado d'illusões me achava ;  
Apenas quando com visões d'amores  
Inda inexperto, mui feliz sonhava ;  
Abandonei-me, minha mãi, ao mundo  
Julgando nelle eu encontrar carinhos ;  
Mas ah ! que em breve conheci a fundo  
Quão cheio estava de crueis espinhos.

Foi dura a sorte, minha mãi, só ella  
Ai que tão cedo, me apartou de vós !  
Qual botãosinho de uma flor singella,  
Ao pé ceifada pelo—euro—atroz !  
Roubado a vossos carinhosos braços  
De minha infancia no sorrir fagueiro,  
Eu vim, tão curtos, alongar os passos  
Na plaga ignota d'um paiz 'strangeiro.

E' no desterro, minha mãi, somente  
Aonde o homem sem Mentor, ou rumo,  
Conhece a falta que faz esse ente  
De sua infancia verdadeiro prumo !  
Oh ! sim amargo, minha mai, desdito  
E' pois o pranto que saudoso verto,  
No solo estranho, em que a sós, proscripto,  
Errante calco, com meu passo incerto....

#### II

Por quem sois, oh minha mai !  
Lá d'onde estacs, escutai  
Com amor,  
De vosso filho os deliros,  
Os magoados suspiros  
Pela dor !

Pela dor tão compungida,  
De ver p'ra sempre perdida  
A esperança,  
Que outr'ora assaz me sorria,  
E nos sonhos me luzia  
De criança !

De criança, qu'inda insonte  
No refulgir do horisonte  
Tinha fé !  
Hoje minh'alma opprimida,  
Nas illusões desta vida  
Já não crê !

Já não crê !... erguei os braços,  
Mãi carinhosa, aos espaços  
E chorai !  
Por vosso filho querido  
Soltai, ao menos sentido  
Um só ai !

Um ai que fendendo os ares,  
Venha aqui nestes palmares  
Dar alento,  
Do triste desventurado  
Ao coração humilhado,  
Ao tormento....

Ao tormento que a minh'alma  
Toda a paz, ardor e calma  
Me roubou  
Dessa quadra deleitosa,  
Que tão veloz, descuidosa  
Se passou.

Sim passou ! .. entre saudades,  
Curtindo mil anciedades,  
Me deixando !  
Sem ter aonde, na vida,  
Encontrar uma guarida  
Suspirandô !

Suspirando, ai peregrino  
Que soffrendo do destino/  
Crua lei,  
Vago de vós separado ;  
Qual meu rumo desgarrado  
Nem eu sei !

Nem eu sei !... erguei os braços  
Oh ! minha mãe, aos espaços  
E chorai !  
Por vosso filho querido  
Soltai, ao menos, sentido  
Um so ai !...

### III

Ai aos sorrisos, minha mãe querida,  
Que me embalam na idade tenra,  
Risonha e pura,  
Como tão prestes succedidos foram  
De longos dias de penar azeitão  
E acre amargura !...

Como fogaces, minha mãe, saudosos,  
Esses momentos de feliz ventura  
P'ra mim passaram !...  
Como esses sonhos d'illusoria esp'rança  
De bonançosa d'infantil fragrancia  
Se deslizaram !...

Outr'ora em pranto se desfeito eu era  
Em vosso peito meus sentidos carmes  
Triste echoavam,  
As minhas dores um sincero abrigo,  
Em vosso amigo coração materno  
Constante achavam !...

Mas ai ! sou hoje, minha mãe, sosinho !...  
Entre amarguras definhando morro  
Sem mesmo ter,  
Quem por momentos a arrostar me ajude  
Pesado o lenho tão acerbo e diro  
De meu soffrer !...

Sim, hoje vivo, minha mãe, a sós  
Sem compassivo ter um braço amigo  
Que por virtude,  
Por expontanea compaixão ao menos  
Me guie os passos do existir, na senda  
Agreste e rude !...

Escutia pois, ó minha mãe querida,  
Estes suspiros rebentados d'alma  
Pela acre dor ;  
Achem abrigo dentro em vosso peito  
Como as mais castas e sinceras provas  
De meu amor !...

E após os braços estendo então  
Para o vazio infinito espaço  
Triste chorai !  
Por vosso filho-que no exilio geme,  
De longe ao menos, exhalai sentido  
E amargo um ai ! !...

Julho de 1856.

JOÃO DANTAS DE SOUZA.

### ⊙ Proscripto.

Como é penosa do proscripto a vida !  
Que triste pranto lhe não faz brotar !  
Se um dia passa, leva em si perdida  
A esp'rança toda de poder gozar.

Negada a esp'rança que lhe resta mais ?  
Que serve o corpo sem a alma — só ?  
Vegeta apenas, e sentidos ais  
Do peito exhala que provocam dó.

Se acorda um dia com menor tristeza,  
Saudade insana lhe desperta a dor :  
Se dorme, sonha na cruel firmeza  
Do seu destino, que é horror.... horror....

Meu Deos ! piedade para o peito afficto !  
Prestes chamae-o ante vós no céo,  
Pois que innocente padece o proscripto  
Na terra tanto como o infame réo.

CASAL.

RIO DE JANEIRO — TYP. DE F. A. DE ALMEIDA.

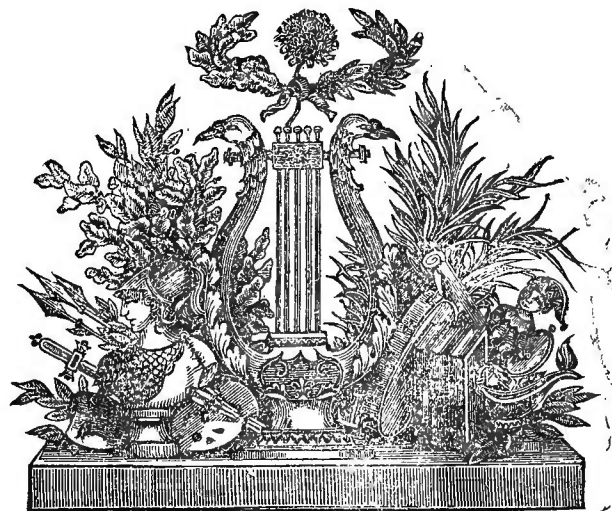
Rua da Vallá n. 111.

# A SAUDADE

PUBLICAÇÃO LITTERARIA E INSTRUCTIVA

INSTITUIÇÃO DO

CREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ



**RIO DE JANEIRO.**

TYPOGRAPHIA DE FORTUNATO ANTONIO DE ALMEIDA.

*Rua da Valia n. 111.*

---

**1857.**



# INDICE.

	PAG.		PAG.
<b>ANTONIO XAVIER RODRIGUES PINTO.</b>			
Paginas intimas.	3, 12, 18, 25, 33, 41, 49, 57, 65, 73, 84, 89, 97, 105, 113, 121, 129, 137, 153, e 177	N'um album, (poesia)	88
Mathilde.	3, 19, 26, 34, 42, 50, 58, 66, 74, 82, 90, 97, 106, 114, 122, 130, 138, 145, 161, e 169	O suicida, (poesia)	95
Sempre ella, (poesia).	6	Ciumes, (poesia)	104
Estou varado l. (poesia)	39	O meu Anjo da Guarda, (poesia)	109
Estamos pagos, (poesia)	54	Fatalidade, (poesia)	118
Lgrimas, (poesia)	62	Recordações, (poesia)	128
A. Pinheiro Caldas	65	O proscripto, (poesia)	136
Cahiste, (poesia)	94	Meditação (poesia)	143
Escuta... (poesia)	102	Missiva	148
O que eu amo.	107	Amelia	157, 163, 171, e 180
Fatalidade, (poesia)	110	A' memoria da desditosa M.** (poesia)	160
O Outono, (tradução)	118	O Pirata, (poesia)	167, 176, e 184
N'um album, (poesia)	120	<b>EUGENIO A. DE BARROS RIBEIRO.</b>	
A M., (poesia)	134	Tristes pensamentos, (poesia)	6
A Filha d'Oconnor (tradução)	140, 155, e 185	O meu viver, (poesia)	46
<b>A. JOSÉ DE CARVALHO LIMA.</b>		Egas Muniz, (poesia)	63, e 70
Meditação	5	<b>D. EMILIA A. DE AZEVEDO e MELLO.</b>	
A um anniversario, (poesia)	23	A violeta, (poesia)	152
Melancolia	29	O que eu não tenho, (poesia)	183
O suicida, (poesia)	111	<b>FRANCISCO COELHO MARTINS DA COSTA.</b>	
<b>A. JOAQUIM DANIEL DO PRADO.</b>		Incendio de Macáu, (tradução)	5
Analia, (poesia)	96	Poesia	15
<b>ANTONIO PINHEIRO CALDAS.</b>		A Julia, (poesia)	31
Constantino, (poesia)	72	Já não quero ser poeta! (poesia)	48
<b>ANASTACIO JOSÉ DOS SANTOS JUNIOR.</b>		A' rosa do vergel, (poesia)	78
A' minha mãe, (poesia)	152	Desengano, (poesia)	102
<b>BELMIRO.</b>		N'um album, (poesia)	108
Ausencia e saudade, (poesia)	40	Saudades, (poesia)	119
Suspiros, (poesia)	55	O balanço e a flor, (poesia)	144
Como não amar-te? (poesia)	104	<b>F. T. L.</b>	
<b>D. AUGUSTO MACIEL DO AMARAL.</b>		Soffrimento, (poesia)	96
O Dominó encarnado, (tradução)	53, 60, 84, 92, 99, 178, 186.	<b>FRANCISCO GONÇALVES BRAGA.</b>	
A physiologia d'um baile	139	Almeida Garrett, (poesia)	16
A mulher e o espelho	154	O canto do salteador, (poesia)	69
<b>DIOCLECIANO DAVID CEZAR PINTO.</b>		<b>F. A. F. AMORIM.</b>	
D. Sebastião, (poesia)	22	A Caridade	146
Saudades, (poesia)	31	Christina	148, 156, 165, 173, e 181
A uns olhos, (poesia)	40	Poesia	158
Minhas finanças, (poesia)	48	A Marilia, (poesia)	168
Um gemido, (poesia)	63	<b>G. L. J.</b>	
Um adeus ás Larangeiras, (poesia)	69	Ypiranga, (poesia)	14
		<b>PADRE GAMA.</b>	
		As contradicções.	68
		<b>JOÃO DANTAS DE SOUZA.</b>	
		Meu retiró e a Philomela, (poesia)	14
		Eu quero ir enforcar-me !... (poesia)	40

	PAG.
As cordas de minha lyra, (poesia)	45
Desalento, (poesia)	56
O salteador.	76
Parodia, (poesia)	78
Innocencia, (poesia)	79
Lagrimas, (poesia)	85
Avesinha mensageira, (poesia)	103
Recordações, (poesia)	110
Gemidos, (poesia)	117
Epistola.	124
A' Villa dos Arcos de Val de Vez, (poesia)	126
Illusão, (poesia)	141
Uma pagina de minha vida.	146, e 163
Amor perdido, (poesia)	150
Ultimo adeus! (poesia)	158
Escuta, (poesia)	160
No album de Elysa, (poesia)	166
Parodia, (poesia)	168
A extraviada, (fragmento)	172
Adeus a Julia, (poesia)	174
Vaga meditação	179
Aos assignantes da Saudade	187
<b>J. J. BARBOZA DE CASTRO.</b>	
Minha-mãe, (poesia)	8
O lyrio desfeito, (poesia)	14
Ella... Esperanças, (poesia)	24
Não chores, (poesia)	47
Parodia, (poesia)	47
Ao meu amigo J. A. dos Santos Cortiço, (poesia)	55
Enlevos	59, e 67
Illusão, (poesia)	71
Um conto	77
O jardineiro e a flor, (poesia)	80
<b>J. C. LOUSADA.</b>	
A desgraça, (poesia)	15
A felicidade, (poesia)	24
Pedro V, (poesia)	30
Gabriella, (poesia)	54
<b>J. A. dos SANTOS CORTIÇO.</b>	
Relatorio do Gremio Litterario Portuguez.	2, 9, e 17
<b>J. A. S. RIBEIRO JUNIOR.</b>	
Descobrimto da America	13, 20, 26, e 35
Philosophia	38, e 43
Um passeio de estudante.	52
<b>J. MIGUEL DIAS FERREIRA.</b>	
Os Esfaimados	21, 27, 36, e 44
<b>JOSÉ DE MORAES SILVA.]</b>	
E' crível? (poesia)	29
A Justiça, (poesia)	32
<b>J. SANTOS SABINO.</b>	
Recordações, (poesia)	79
<b>JOSÉ PINTO DOS SANTOS.</b>	
Saudades de Portugal, (poesia)	101
<b>J. FELIX TEIXEIRA E SOUZA.</b>	
Meditação, (poesia)	135
O canto da escrava, (poesia)	159

	PAG.
<b>J. AUGUSTO RODRIGUES DE MAGALHÃES.</b>	
Saudades de minha mãe, (poesia)	175
<b>L.</b>	
O caixeiro	8
<b>MANOEL ALVES V. P. CAZAL.</b>	
O canto do zagal, (poesia)	38
Já não amo, (poesia)	46
Amisade, (poesia)	56
<b>MIGUEL CORRÊA BRAGANÇA.</b>	
A ti, (poesia)	93
Parodia, (poesia)	104
Saudade, (poesia)	108
Seu nome, (poesia)	128
Declaração, (poesia)	151
Não quero brincar, (poesia)	159
Meditação.	162
<b>MANOEL LEITE MACHADO.</b>	
O pescador, (poesia)	149
Echos da lyra gemedora. (poesia)	167
Hymno ao trabalho. (poesia)	176
Minha patria, (poesia)	183
<b>M. J. F. L. BASTOS CORTE REAL.</b>	
Minha amada, (poesia)	183
<b>PEREIRA RIBEIRO.</b>	
Melancolia. (poesia)	7
A suicida. (poesia)	87
Recordação, (poesia)	142
<b>REINALDO CARLOS MONTORO.</b>	
Amigo C.	10
A M...., (poesia)	32
A religião e o seculo.	83
A viagem do Bardo	115, e 123
A voz de um Anjo, (poesia)	120
A Malvina de C..., (poesia)	125
As orphãas de Icarahy	131
<b>A REDACÇÃO.</b>	
Aos nossos assignantes	1
<b>SIMEÃO PINTO VICTORINO.</b>	
O que resta?... . . . . .	75
<b>VISCONDE DE PINDELLA.</b>	
A pobresinha, (poesia)	112
<b>FIM.</b>	